

Editorial

Delfos – A ciência confirma a mitologia

Na Grécia há uma montanha chamada Parnaso, a 160 km de Atenas, situada no golfo de Corinto e consagrada às musas e a Apolo. Aí se encontra Delfos, antiga cidade grega, cujas ruínas estão bem conservadas. Nessa cidade há um templo dedicado ao deus Apolo. Dentro desse templo havia o Oráculo, que durante cerca de 2.000 anos foi prestigiado como um lugar sagrado onde o deus, através de suas sacerdotisas, chamadas pitonisas, exercia o dom da profecia. Aí acorriam reis, generais e cidadãos comuns, todos querendo saber do futuro.

Muitos escritores escreveram sobre o Oráculo. Um deles foi Plutarco, escritor grego e sacerdote do templo de Apolo, que deixou detalhada narrativa. As pitonisas eram mulheres selecionadas na cidade e faziam uma preparação intensiva. No momento do culto elas entravam numa câmara pequena sob o templo e sentavam no trípode, banco de três pernas, situado sobre uma fenda nas rochas, donde emanava um gás (pneuma) de aroma doce, que induzia um estado de transe. Nesse estado elas respondiam às perguntas dos visitantes e profetizavam. Às vezes as respostas eram sem nexos e enigmáticas. Daí o termo *linguagem sibilina*, por causa de Sibila, famosa pitonisa. Nesses casos os sacerdotes do templo interpretavam as mensagens.

Durante muitos séculos não houve dúvida que aquela era a mensagem de Apolo, prevendo o futuro. Entretanto Adolphe Oppé, cerca de 1900, questionou esse dogma, após visita às escavações que os franceses tinham feito no templo de Apolo. Ele não encontrou fendas nem saída de gases e afirmou também que nenhum gás natural seria capaz de provocar um estado de “possessão espiritual”. Em 1950 a teoria de Oppé ganhou um novo defensor. O arqueologista Pierre Amandry afirmou que gases vulcânicos não poderiam ter aparecido em Delfos porque essa região não era vulcânica. Isso encerrou a polêmica na época e as referências sobre pitonisas e oráculo de Apolo passaram a ser consideradas apenas lendas da mitologia. Em 1980 o quadro mudou de novo. Num estudo geológico patrocinado pelas Nações Unidas, De Boer descobriu uma falha vulcânica que se origina na encosta sul do monte Parnaso e passa sob o santuário. Em 1996 De Bôer e Hale descobriram uma segunda falha vulcânica que cruza com a primeira sob o santuário. Chanton, um químico, analisou a água e encontrou vestígios de metano, etano e etileno. Este último tem um cheiro doce, lembrando a descrição de Plutarco. Spiller, um toxicologista, foi chamado para integrar o time. Sua credencial era a experiência no tratamento de usuários de drogas que cheiram cola ou *thinner*, substâncias que contêm hidrocarbonetos e são alucinógenas. Esse autor estudou o etileno, ou eteno, que é um gás incolor com cheiro agradável e que havia sido usado por Isabella Herb em suas experiências pioneiras para induzir a anestesia geral.

Assim a Ciência provou, passo a passo, que realmente fatos extraordinários ocorreram em Delfos. Não por intervenção divina, mas por ação de substâncias alucinógenas, cuja ação é hoje bem conhecida.

O prestígio do Oráculo de Delfos decresceu com o progresso do cristianismo. O encerramento de suas atividades ocorreu no ano de 385 por ordem do imperador Teodósio.

CARLOS A. VARGAS SOUTO
Médico e professor universitário